



CIBERESPAÇO: LUGAR DE NARRATIVAS DISCORDANTES

Maria do Socorro da Silva Medeiros

Mestranda em Literatura e Interculturalidade/UEPB - msr_medeiros@hotmail.com

Dayane Nascimento Sobreira

Mestranda em História/UFPB - dayanesobreira26@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo compreender como a internet auxilia na escrita, divulgação e publicação de narrativas escritas por mulheres lésbicas. Para tanto iremos retomar a história da Literatura, para exergarmos as insígnias da invisibilidade da produção literária feminina. Silenciadas por um mercado masculino (no que se refere a temas e pena), coube ao feminino buscar artifícios que o auxiliem na disseminação dos seus textos. O uso de pseudônimo, por exemplo, foi e ainda é utilizado como subterfúgio para que haja uma facilitação na entrada no seletivo grupo dos que podiam ser lidos. O século XX trouxe consigo o advento da *internet*, a qual foi utilizada durante a Guerra Fria como arma secreta na troca de informações. Com o final da guerra e os avanços na área das TICs, a *internet* ganhou novas aplicabilidades e o seu *layout* tornou-se mais “amigável”, fazendo com que seu uso se tornasse mais acessível a usuários com conhecimentos mais superficiais e assim transformou-se no principal veículo de comunicação até o presente momento da história da humanidade. A partir de um domínio mais significativo deste meio é que surge um movimento de escrita por parte de mulheres lésbicas na rede mundial de computadores. O *site* LETTERA é um exemplo deste fluxo de escrita.

Palavras-chave: Escrita, ciberespaço e LETTERA.

1. INTRODUÇÃO

A História nos mostra que até pouco tempo o feminino encontrava-se amordaçado pelos entraves que o patriarcado impunha. Este quadro foi pouco alterado até a atualidade, visto que cordão umbilical, criando, desta forma uma cultura enviesada, na qual um único padrão é aceito, o qual se estende pelas produções culturais e em específico, pela literatura.

A tradição literária não apresentou muitas heroínas, nem muito menos heroínas que amassem as suas

iguais. Assim, até pouco tempo a representação era algo de ordem quimérica. O século XXI chegou e poucas são as escritoras que conseguem publicar seus textos, principalmente quando eles apresentam conteúdos que

As grandes editoras, como foi analisado por Regina Dalcastagnè, continuam privilegiando a produção masculina. Assim os escritos feminis padecem de certa invisibilidade e esta é mais gritante quando falamos da produção lésbica. Deste modo, as herdeiras de Safo



precisaram buscar alternativas para falar sobre seus amores e os blogues literários surgiram como uma alternativa eficaz para o desempenho de tal função, à medida que possibilitam uma emancipação para as ficcionistas.

Omitidas do enredo histórico da sociedade, estas mulheres se viram obrigadas a buscar mecanismos para se colocarem no mundo. Com o advento da *internet* durante a Guerra Fria e a sua evolução nas décadas seguintes, este meio passou a ser largamente usado na publicação de textos e assim as escritoras lésbicas viram nela uma alternativa para divulgação de suas narrativas. Com o advento da *internet* 2.0 e o aumento da banda larga¹, o custo benefício de publicar na rede é muito significativo para estas mulheres, se comparado com a publicação de textos físicos. Para o entendimento do processo supracitado fizemos uso da categoria de meio, cunhada por Régis Debray, em seu livro “Curso de midiologia geral” e utilizamos como suporte o entendimento do que é meio e como ele funciona – como extensão do homem – em

¹Podemos identificar um conjunto de recursos técnicos formado pelas Estações e Rede de Telecomunicações que chamaremos de Infra-Estrutura de Rede de Telecomunicações onde estarão, por exemplo, as centrais telefônicas e de transmissão de dados, os roteadores, os cabos metálicos, de fibras ópticas, os sistema de radiocomunicação, dutos, postes, torres, prédios e instalações necessárias. Disponível em: http://www.teleco.com.br/tutoriais/tutorialblmodco.mp1/pagina_3.asp.

McLuhan, para assim compreendermos a importância da internet para o sujeito lésbico e para a sua escrita.

Outro fator significativo do uso da Web como meio de escrita e de divulgação de narrativas lésbicas é a construção de redes de contato que tem como *mote* o texto. Uma vez que é comum à criação de laços comunicacionais entre as ciberescritoras² e as ciberleitoras³, a partir da leitura das narrativas.

É com o foco na multiplicidade de usos da *Web*, no seu caráter de resistência e na criação de canais alternativos para divulgação de escritas não canônicas que divergem dos temas de narrativas lésbicas, é que este trabalho se alicerça, uma vez que o mercado heteronormativo branco classe média não permite que escritoras lésbicas e com produções de cunho homossexual circule livremente pelas estantes das livrarias. Assim, a internet vem se mostrando como um ambiente favorável, uma alternativa viável para o escoamento de textos que apresentem protagonismo lésbico.

²Escritoras que escrevem na *internet*.

³Leitoras de textos produzidos na *internet*.



2. DESENVOLVIMENTO

Segundo Régis Debray⁴ (1993) a cultura é uma resposta adaptativa a um meio, à medida que ela se constrói em via do que lhe é posto. Deste modo, a cultura pode ser compreendida como uma estrutura moldável, dotada da capacidade de elaborar-se e reelaborar-se em perspectivas diversas, a partir do reconhecimento de certas práticas e conceitos compartilhados por um grupo de pessoas. Corroborando com o que Debray nos apresenta, o antropólogo Roger Keensing afirma:

Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos bio-lógicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante. (KEENSING *apud* LARAIA, 2001, p. 31).

⁴Régis Debray é filósofo voltado para o estudo da mediação. Político e revolucionário francês nasceu em setembro de 1940, em Paris, e foi como aluno da *École Normale Supérieure*, um dos jovens mais brilhantes de sua geração. Filósofo de formação, Debray construiu ao longo dos anos uma imagem rica e complexa, fruto de peregrinações que vão do marxismo teórico e panfletário de *Révolution dans la Révolution* (texto através do qual Fidel Castro o descobriu nos anos 1960), à práticas de guerrilha.

A cultura consiste em um processo extra-somático⁵, que é formado do conjunto de comportamentos, os quais são introjetados gradativamente em cada indivíduo, desde a concepção até a morte, desencadeando um processo de internalização de idiossincrasias próprias de determinado lugar e tempo. A Cultura funciona como uma espécie de *software* computacional, o qual é formado por informações, que são acionadas por comandos e que geram respostas, por exemplo – a combinação das teclas Fn + b salvam as alterações feitas em um documento do *Word*, o mesmo ocorre quando o médico fala para uma mulher que ela carrega no ventre um feto do sexo feminino, a partir do conhecimento desta informação são acionadas as regras de gênero por parte dos que estão entorno do embrião. Porém, é preciso entender que cada programa funciona ou não nas versões do *Windows*, o mesmo ocorre com os pais, nem todos os genitores acionam respostas idênticas ao saberem do sexo do filho, inclusive alguns optam por não terem gênero.

Este trabalho não busca, por sua vez, encontrar um conceito de cultura, o qual servirá de referencial a partir de então, mas, sim, compreender, a partir das

⁵Termo cunhado por Roque de Barros Laraia em seu livro “Cultura: um conceito antropológico”, no qual o autor discute o conceito de Cultura por vários autores.



presentes discussões como a cultura age sobre o comportamento humano, moldando-o, haja vista, que esta se estrutura a partir dos normativos que um grupo de indivíduos que detém poder – financeiro, religioso, de vida, dentre outros – instituem, como sendo o modelo a ser seguido.

Tal perspectiva evidencia que a evolução cultural não está assegurada, uma vez que esta sofre interferência do agir humano. A mutabilidade dos grupos que detém o poder, juntamente como a mudança de perspectiva de mundo faz com que os paradigmas culturais sejam alterados. Para Laraia (2001, p.36): “O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura”.

Devido à necessidade de observar o recorte temporal para poder compreender determinado comportamento e visão é que os meios são tão significativos, já que são eles que a evolução cultural não é transmitida no genoma humano. Desta forma, o resultado da evolução está condicionada ao repasse, de forma mecânica, às descendências seguintes. Assim, os meios são de extrema significância no processo de

memorização dos processos evolutivos. E é por isto que o uso dos meios por determinados nichos é tão importante, uma vez que assim eles conseguem perpetuar sua existência.

No plano cultural, contrariamente à evolução biológica, não há transmissão garantida das modificações adquiridas, ainda que fossem progressivas. A evolução cultural é muito mais rápida, mas também muito mais frágil porque não está gravada no genoma da espécie. Nem invariância, nem replicação: aqui, nada é inato: tudo é reversível. Daí a importância crucial dos fatores do meio (DEBRAY, 1993, p. 244).

É em decorrência dos desdobramentos culturais é que nos é possível ter uma ideia das idiosincrasias que compõem a conduta social e como as tecnologias são utilizadas neste processo. Posto que, o repasse de instruções comportamentais faz uso de subterfúgios materiais no seu desempenho, tais como: a língua, os meios de comunicação e escrita, dentre outros, para ambientalizar a elaboração prática da realidade. Deste modo, os sujeitos sociais, apoderados destas tecnologias, criam e recriam formas de transmitir seus hábitos.

Os meios representam peças fundamentais no processo de formação cultural, como já citado, haja vista que atua na construção da mesma. Segundo



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

McLuhan, “os meios de comunicação são como extensão do homem”, uma vez que estes alargam o alcance deles. Os meios projetam os costumes e “verdades” humanas por lugares que eles não teriam como alcançar corporalmente. Ao pensarmos sobre a *internet* e o seu poder de alcance, fica mais fácil compreender a ideia de McLuhan, visto que a *internet 2.0* amplificou o campo de cobertura humano, fazendo com que o mundo passasse a ser uma aldeia global, na qual todos os seres vivos tivessem acesso aos meus saberes. A *internet* funciona como uma grande oca, que conecta todos.

Para McLuhan (2005), os meios falam por si, à medida que eles trazem uma mensagem justaposta à sua existência. Ele cita o exemplo da linha férrea, que ao ser implantada, seja qual for a utilização, modifica o ambiente no qual foi implantada. O entorno da linha vai ser alterado, fazendo com que surjam elementos para suprir as necessidades das demandas que passaram a existir em decorrência da sua construção. Cidades e economias irão irromper-se em meio ao nada para suprir as demandas advindas da linha, seja com postos de abastecimento, estadia para os maquinistas. O meio, a ferrovia, traz significados e modificações por si só, sem que haja necessidade de nos determos a seu objetivo final –

transporte de mercadoria ou carga humana – como elemento que produz o sentido. Consoante a isto, McLuhan (Idem) nos fala que: “a ‘mensagem’ de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas, humanas”.

Cada meio apresenta informações e características próprias, uma vez que são espelhos de determinado recorte temporal. Cada meio traz junto a si elementos próprios de seu momento histórico, assim, é possível entender o funcionalmente de uma cultura ao observar os meios que ela apresenta. Durante o século XIX a sociedade pode contar com o telegráfo para transmitir informações, executar negócios, etc. Em pleno século XXI este meio é totalmente obsoleto, visto que a dinâmica cultural foi modificada, exigindo mais rapidez e eficácia dos meios de transmissão.

A internet surgiu durante a Guerra Fria, como meio de comunicação alternativo, o qual só seria utilizado caso os demais meios de comunicabilidade existentes na época fossem destruídos. Com o final da guerra e os avanços na área das TICs⁶, a internet ganhou novas

⁶As Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC correspondem a todas as tecnologias que interferem e medeiam os processos informacionais e comunicativos dos seres. Ainda, podem ser entendidas como um conjunto de recursos tecnológicos integrados entre si, que proporcionam, por meio das funções de hardware, software e



aplicabilidades e o seu layout⁷ tornou-se mais “amigável”, fazendo com que seu uso se tornasse mais acessível a usuários⁸ com conhecimentos mais superficiais. Com o passar dos anos, ela evoluiu e tornou-se um dos principais meios de comunicação, dotada de uma plasticidade que proporciona os mais diversos fins. Podendo ser utilizada desde uma conversa informal entre amigos, passando por sites de relacionamentos, concretização de negócios, à construção de seitas extremistas. Criada a partir de um modelo linear de informações – *bits*⁹ - e com crescente número de acesso instrumentos que possibilitam o acesso a grande rede, esta vem se transformando em um grande

telecomunicações, a automação e comunicação dos processos de negócios, da pesquisa científica e de ensino e aprendizagem. Disponível em: <http://totlab.com.br/noticias/o-que-e-tic-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao/>.

⁷*layout* [leiáute] (palavra inglesa) Modo de distribuição e arranjo dos elementos gráficos num determinado espaço ou superfície. “*layout*”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/layout> [consultado em 12-02-2016].

⁸Pessoa que faz uso do computador, de programas, sistemas ou serviços informáticos. = UTILIZADOR “*usuário*”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/DLPO/usu%C3%A1rio> [consultado em 12-02-2016].

⁹*Bit* é a sigla para **Binary Digit**, que em português significa **dígito binário**, ou seja, é a menor unidade de informação que pode ser armazenada ou transmitida. É geralmente usada na computação e teoria da informação. Um bit pode assumir somente 2 valores, como 0 ou 1. Os computadores são idealizados para armazenar instruções em múltiplos de bits, que são denominados bytes. Disponível em: <http://www.significados.com.br/bit-e-byte/>

rizoma¹⁰, o qual consegue conectar indivíduos de todas as partes do planeta em tempo real.

Michael Foucault (2014) no último capítulo do primeiro volume da coletânea de livros “História da sexualidade” fala-nos sobre o poder de vida e de morte que os soberanos detinham. A jurisdição da vida encontrava-se nas mãos do soberano, o qual estabelecia quem ia à guerra em seu nome, que seria punido por traição. Direta ou indiretamente as vidas dos vassallos estavam sobre domínio do rei. A sociedade padecia sobre a égide do direito ao confisco, seja de bens materiais ou da própria vida. Foi com o surgimento da época clássica no Ocidente que o controle sobre a vida foi intensificado. Para tanto, Foucault nos mostra é o que foi modificado foi o objetivo da guerra, se antes se morria pela defesa da vida do soberano, na atualidade morre-se pela defesa da vida.

O biopoder consiste na gestão dos corpos, a partir do poder da disciplinarização destes, assim o que se tem a partir de então não é mais o controle sobre a vida ou morte, mas sim, dos fatores

¹⁰“Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Disponível em: <http://rizomas.net/filosofia/rizoma/76-mil-platos-trechos-selecionados-do-vol-1-rizoma.html>.



de organização da vida, tais como: como se deve viver, quais procedimentos são aceitos, a expectativa média de vida, dentre outros aspectos. O biopoder controla as instâncias responsáveis pelos “bens” da coletividade, criando um modelo de vida a ser seguido, assim é possível controlar os indivíduos. Todo ser humano que se encontra fora do padrão pré-estabelecido de controle cultural deve ser retirado do convívio social, para que assim não ocorra a existência de hiatos no sistema. Os corpos abjetos são impelidos a se padronizarem por meio de tratamentos corporais, silenciamento, controle de desejo, caso não o façam, são extraídos do ambiente social.

Em decorrência da padronização cultural por parte do biopoder, os sujeitos “inadequados” veem na *internet* um meio capaz de criar resistências ao sistema de disciplina e de posicionarem enquanto integrantes do corpo social. O uso da grande rede auxilia no processo de construção de elos, os quais resultam num estabelecimento de conexões entre sujeitos que se sentem representados de alguma forma pelo conteúdo acessado. A rede possibilita a criação de redes de conexão, da seguinte forma: um indivíduo cria um conteúdo e este é acessado por outro indivíduo, o qual divulga seu achado e com

início inicia-se um rizoma comunicacional.

Dentro das esferas de marginalização criadas pelo biopoder, as mulheres lésbicas encontram-se num nível superior de silenciamento, já que o seu desejo entra em atrito direto com as leis heteronormativas. Podemos constatar o apagamento lésbico ao pegar qualquer livro de História. O sujeito lésbico entra em conflito com inúmeras regras do sistema heteronormativo, já que não se coloca sua existência atrelada ao sexo masculino. São indivíduos que buscam vivenciar enlances amorosos por si só, sem que haja obrigatoriedade de procriar. São relações baseadas em laços afetivos e de desejo. De acordo com os estudos da professora Tânia Navarro Swain (2004), o sexo feminino só ganhou representatividade na História a partir do movimento feminista, ou seja, a partir da segunda metade da década de sessenta, até então a História só apresentava protagonistas homens. Segundo a teórica, a figura da mulher lésbica foi retirada da História, como podemos verificar no trecho a seguir do seu livro “O que é o lesbianismo”:

Se as mulheres começaram a surgir na História a partir do feminismo, onde se escondem as lésbicas, em que nichos de obscuridade e silêncio se pode encontrá-las? Se a História não fala sobre as relações físicas e emocionais entre mulheres é porque



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

não existiam? Ou porque sua existência representava a desestabilização e o caos na ordem “natural” e “divina” da heterossexualidade dominada pelo masculino? O que seria do mundo patriarcal se as mulheres dispensassem os homens de suas camas e de seu afeto, se recusassem a “incontomável” parceria masculina e a reprodução como definidoras de suas identidades? (SWAIN, 2004, p 13).

Retirar dos registros formais as mulheres lésbicas foi uma forma eficaz de deixá-las relegadas à inexistência. O ser humano busca referenciais para seguir, visto que se constitui a partir do processo de espelhamento. Se o feto recebe desde a sua geração que, apenas, o sexo masculino consegue alcançar feitos, por ser mais forte fisicamente, por ter uma capacidade de raciocínio mais densa e avançada (visão do senso comum), a criança vai absorver estas informações e vai introjetá-las na sua existência. Se só apresentam um único protótipo ele vai segui-lo e anular qualquer coisa que esteja à sua volta. Uma vez que o gatilho para a legitimação dos corpos é o espaço representacional, portanto quando só existe uma figura que serve de modelo há uma restrição de visão de mundo. Quando o lugar na História das mulheres lésbicas é usurpado, ocorre um regime nutricional de possibilidades de concepções de mundo, desde modo não há um repasse de informações sobre o mundo

lésbico, como nos fala Adrienne Rich:

E a existência lésbica tem sido vivida (diferentemente, digamos, da existência judaica e católica) sem acesso a qualquer conhecimento de tradição, continuidade e esteio social. A destruição de registros, memória e cartas documentando as realidades da existência lésbica deve ser tomada seriamente como um meio de manter a heterossexualidade compulsória para as mulheres, afinal o que tem sido colocado à parte de nosso conhecimento é a alegria, a sensualidade, a coragem e a comunidade, bem como a culpa, a autonegação e a dor (RICH, 1993, p. 20).

O poder disciplinador criou um campo de invisibilidade em volta do sujeito lésbico em decorrência do modelo heteronormativo de casal – Adão e Eva foi estabelecido como referência de casal ideal pelo Ocidente, deste modo as formas de enlace foram minimizadas, fazendo com que tudo que fuja a este padrão (homem + mulher = casal) arque com as consequências advindas do modelo disciplinador que a cultura adota. O desejo é doutrinado. A relação protagonizada por duas mulheres é rodeado por estereótipos, tais como: incompleta, já que não há um pênis para que ocorra a penetração; de cunho apenas sentimental, visto que o feminino foi relacionado ao afeto, dentre outros. A homossexualidade feminina é uma prática que cria rasuras na malha do



tecido social. É como se a cada envolvimento entre dois seres do mesmo sexo a trama dos paradigmas sociais fossem sendo afrouxados, se a prática não for combatida e apagada da História, os sujeitos passam a considerá-la normal e a incorporá-la.

Adrienne Rich fala-nos sobre a importância de um *continuum* lésbico, o qual corresponde a um processo de identificação não com o desejo sexual pelo enlace sexual entre duas mulheres, mas por uma identificação de experiências. O *continuum* corresponde a uma busca pelos elementos que forjam o feminino, mas sem focar no essencialismo biológico, nem tão pouco pelas ideais criadas pelo masculino sobre o feminino. O *continuum* corresponde a um processo de introspeção por parte das mulheres, delas observarem quem são suas necessidades e seus desejos. É permitir-se olhar para si enquanto sujeito histórico.

Nesta busca, o uso da internet é primordial, devido ao alcance que ela consegue atingir, conectando seres de todos os lugares. O compartilhamento de experiências torna-se mais rápido e acessível. Uma internauta se conecta a outra internauta e assim por diante, criando ramificações práticas. Um bom exemplo para a compreensão desse processo de

construção de rede é o site LETTERA.

O site supracitado foi criado por Cristiane Schwinden no dia 07 de setembro de 2015 para suprir a necessidade gerada em decorrência da extinção do site ABCLes, o qual foi extinto no dia 02 de setembro de 2015. O ABCLes era um site voltado para a publicação de narrativas literárias lésbicas. O site dispunha de um canal de ligação entre leitoras – escritoras, que era realizado por meio dos comentários, possíveis de serem deixados abaixo do post¹¹. Os comentários iam desde a reação que a história causava, criação do perfil das personagens, sugestões sobre a continuação da narrativa, elogios e críticas à escrita da autora e a autora em si. Em decorrência da existência contínua de comentários que ultrapassavam o conteúdo dos post, a administradora do site – Danieli Hautequest – criou um grupo na rede social Facebook, o qual recebeu o nome de ABCLes. Este tinha por objetivo estreitar os laços entre as leitoras e autoras. Tanto o site quando o grupo são integrados por meninas de todo o Brasil.

A busca por meios que auxiliem na disseminação das ideias dos que estão à

¹¹ *post* |póste| (palavra inglesa) – substantivo masculino - texto publicado ou enviado para ser publicado numa página da Internet. "post", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/DLPO/post> [consultado em 13-02-2016].



margem da cultura canônica é o que motiva o presente trabalho. Haja vista buscarmos compreender a importância do ciberespaço como canal para a disseminação de narrativas literárias lésbicas, em razão dos entraves que este tipo de produção encontra no mercado editorial. Como pode ser comprovado com o estudo da professora e pesquisadora Regina Dalcastagnè (2012). Em seu livro *“Literatura brasileira contemporânea um território contestado”* Dalcastagnè disserta sobre que tipo de autor consegue publicar nas grandes editoras do Brasil, e constata que 75% dos livros publicados pela Rocco, Record e Companhia das Letras – maiores editoras no país – eram escritos por homens. Mas o mapeamento foi além e constatou-se que 70% dos autores vêm de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, além do que 93,9% desses escritores, entre homens e mulheres, brancos e heterossexuais.

A arte sempre se mostrou como um campo aberto para retratar as questões humanas, haja vista ser marcada pela subjetividade humana. A expressão simbólica constitui um signo cultural que expõe para o homem as tramas de um destino que não lhe está muito claro, dadas as obscuridades que o rodeiam. Funciona como uma espécie de catalizador no processo de sublimação que a

nossa subjetividade usa para suportar as perdas, danos, anseios não concretizados e violências sofridas.

Enquanto representação, o artefato artístico mimetiza os conflitos que marcam, em tempos e espaços múltiplos, a condição humana, deixando-se contornar por discursos, os quais, na lógica da subjetividade, mostram-se discordantes, concordantes e/ou contraditórios entre si. Recheada de possibilidades, a manifestação cultural absorve as demandas do corpo social, interioriza-as e, como resposta ao processo, produz uma obra que reflete os eventos, internos e externos, com que se impregna.

A literatura é um exemplar do processo supracitado. Ela traz, atrelada a sua essência, o encontro entre a inteiração e a polêmica, entre a intersubjetividade e alteridade, produzindo, deste modo, o diálogo com os “Outros” que, ao entrar em contato com o texto literário, passam a comungar sobre as ideias expostas, mesmo que de forma indireta.

Segundo o linguista Dominique Maingueneau (2006), a Literatura consiste não apenas num meio que a consciência tomaria emprestado para se exprimir, mas também num ato de repasse de instruções, as quais definiriam um regime enunciativo, assim como papéis específicos dentro da



esfera social. Corroborando com o que McLuhan fala sobre as artes em aspecto geral, tem-se que:

O poder das artes de antecipar, de uma ou mais gerações, os futuros desenvolvimentos sociais e técnicos foi reconhecido há muito tempo. Ezra Pound chamou o artista de "antenas da raça". A arte, como o radar, atua como se fosse um verdadeiro "sistema de alarme premonitório", capacitando-nos a descobrir e enfrentar objetivos sociais e psíquicos, com grande antecendência (MCLUHAN, 1996. p. 14).

A tese de Gandelman (2015) nos auxilia na compreensão da real necessidade de termos narradores que fujam do padrão heteronormativo branco burguês. Ela nos fala que: “o ângulo do narrador é capaz de lançar uma perspectiva diferente, que define todo o rumo da história”. Permitir, por exemplo, que as mulheres lésbicas escrevam, narrem e publiquem suas narrativas, fazendo com que ocorra uma expansão da ótica literária é uma ação que reflete sobre o modelo social vigente e viabiliza uma possível mudança de perspectiva sobre a estruturação de modelos sociais, à medida que são apresentadas novas perspectivas de sujeitos, desejos, enlances e etc.

Atualmente o *site* conta com cerca de 2214 membros, 360 histórias, 185 autoras e 20858 comentários. Os números supracitados são uma amostra de

como a *internet* é significativa no processo de produção da escrita lésbica, uma vez que o site em 5 (cinco) meses no ar foi canal para 185 autoras conseguirem publicar os seus textos. Bem como 360 histórias, protagonizadas por lésbicas serem divulgadas.

Podemos notar como os pontos elencados neste trabalho a validade da tese de que o meio – *internet* – é significativo para a produção literária lésbica. Sendo capaz de aglomerar sem que seja necessário estar no mesmo espaço, criando elos entre ciberautoras/ciberleitoras e entre ciberleitoras/ciberleitoras, ciberescritoras/ciberescritoras. Redes são formadas a partir das narrativas do ciberespaço. Narrativas que têm por temática o universo lésbico.

3. CONCLUSÃO

Em pleno século XXI a mudez ainda faz parte do cotidiano feminino, derivado das forças que o patriarcado exerce. Assim, as mulheres continuam buscando meios de exteriorização de suas questões. Desta ânsia pelo intento de visibilidade, é que o uso das TCIs – Tecnologias da Comunicação e Informação – surgem como uma alternativa viável para desempenhar tal função, posto que



apresentam uma vasta e crescente difusão.

No tocante à disseminação do pensamento feminino pelas TCIs, os sites literários irrompem como um dispositivo que apresenta um vasto grau de interatividade, fato que possibilita uma plasticidade do que é produzido. Princípio este, que auxilia no processo de identificação entre o leitor e o texto. À medida que o leitor deixa a passividade da leitura para integrar o corpo escritor da obra, podemos afirmar que existe uma espécie de fundição entre o papel do ciberleitor e da função do ciberescritor.

Ao longo deste trabalho, buscamos elucidar como a internet tornou-se mecanismo fundamental para a construção de um *continuum* lésbico, tomando como suporte elucidativo à produção de narrativas escritas por lésbicas e para lésbicas no ciberespaço, uma vez que este tem se tornado um ambiente favorável para este tipo de escrita, visto que apresenta uma relação de custo benefício bastante significativa, bem como ser um lugar “menos vigiado” pelos padrões biopolíticos disciplinadores.

As transformações históricas da cultura juntamente com as mudanças culturais vêm favorecendo o surgimento de hodiernas formas de narrar a existência das minorias, as quais vivem açaimadas pela mão dos senhores dos corpos e

saberes. É na busca por mecanismos representativos que a literatura eclode como um aliado memorável para tais práticas. Falar sobre os silenciados de forma inventiva, e os acomodando de maneira expressiva, bem como aos seus protagonistas é uma árdua e significativa tarefa que a Web vem possibilitando.

BIBLIOGRAFIA

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea em Território Contestado**. São Paulo: Editora Novo Horizonte, 2012.

DEBRAY, Régis. **O curso de midiologia geral**. Petrópolis: Vozes, 1993. Guilherme João de Freitas Teixeira.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARANHÃO, Ana Carolina Kalume; GARROSSINI, Daniela Favaro. A Mediologia de Régis Debray: limites e contribuições ao campo comunicacional. **Em Questões**, Porto Alegre, v. 2, n. 16, 2010.

MALUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 3. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1964. 405 p. Décio Pignatari.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

NAVARRO-SWAIN, Tânia. **O que é o lesbianismo?** São Paulo: Editora brasiliense. 2004.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, Natal, v. 4, n. 5, p.1-28, jan./jun. 2010. Semestral. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/edic05.html>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

